

A DISTINÇÃO MASSIVO / CONTÁVEL EM DIFERENTES CATEGORIAS GRAMATICAIS

LUÍS FILIPE CUNHA¹

(Centro de Linguística da Universidade do Porto²)

IDALINA FERREIRA

(Centro de Linguística da Universidade do Porto)

ANTÓNIO LEAL

(Centro de Linguística da Universidade do Porto)

ABSTRACT: The main goal of this paper is to demonstrate that, contrary to Rothstein's (1999) assertions, data from European Portuguese support the idea that the count / mass distinction shows up in different grammatical domains besides the nominal one. After a brief survey of the properties underlying the count / mass distinction, we present and discuss Rothstein's main proposals, observing that, in EP, the opposition under analysis plays an important role at the verbal and adjectival domains. Finally, we pay special attention to predicative adjectives, concluding that the count / mass distinction can be taken to describe adequately some of their semantic characteristics. We propose a classification of adjectives into count, mass and indeterminate ones, according to their behaviour relative to quantifying and temporal locating adverbials.

KEYWORDS: semantics; quantification; the count / mass distinction; adjectives; quantifying adverbials.

0. Introdução

O principal objectivo deste trabalho será o de investigar de que forma a distinção massivo/contável atravessa e afecta, para além dos nomes, outras classes de palavras, em particular verbos e adjectivos.

Tomando como ponto de partida a discussão de algumas das propostas adoptadas em Rothstein (1999), procuraremos demonstrar, ao contrário do

¹ Trabalho financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

² O Centro de Linguística da Universidade do Porto é uma Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI – U0022/2003).

que é defendido pela autora, que a distinção massivo/contável é pertinente tanto no interior do domínio verbal como no do domínio adjectival.

Nesse sentido, começaremos por caracterizar, ainda que em traços muito gerais, a distinção massivo/contável. Passaremos seguidamente à apresentação e discussão das propostas centrais de Rothstein (1999) à luz dos dados fornecidos pelo Português Europeu (PE). Finalmente, prestaremos especial atenção aos adjectivos, avançando com uma primeira hipótese de análise relativa à sua distribuição ao nível da distinção massivo/contável.

1. A distinção massivo/contável

Considera-se tipicamente que a divisão entre predicados massivos e predicados contáveis está relacionada com um par de propriedades básicas dos predicados: a divisibilidade e a cumulatividade (vejam-se, entre outros, Bunt, 1985; Link, 1983; Bach, 1986; Krifka, 1992; 1998).

A propriedade da divisibilidade prende-se essencialmente com a possibilidade de, quando uma entidade na denotação de um predicado é dividida, o resultado dessa divisão ser denotado pelo mesmo predicado. A propriedade da cumulatividade, por sua vez, relaciona-se com a possibilidade de a adição de duas entidades contíguas denotadas por um predicado comum se encontrar ainda na denotação desse mesmo predicado.

Estas propriedades aplicam-se não só a predicados nominais, como “farinha” ou “livro”, mas também a predicados verbais, como “ler o livro” ou “dormir”.

O paralelismo entre predicados nominais e verbais manifesta-se em vários fenómenos gramaticais. Um deles tem a ver com a forma como podemos individualizar ou ‘empacotar’ predicados que não podem ser contados, mas sim medidos. Há um paralelismo entre as expressões de quantificação de medição de predicados nominais massivos e as expressões de quantificação de medição temporal de eventualidades atélicas. Veja-se (1).

- (1) a. O João dormiu durante uma hora.
b. O João comprou dois quilos de farinha.

O adverbial temporal durativo mede a eventualidade em (1a), ou seja, fornece uma medida padrão temporal que ‘empacota’ a situação, que, de outro modo, não apresentaria limites temporais definidos. O mesmo acontece em (1b), onde encontramos uma expressão quantificacional que fornece uma medida padrão que ‘empacota’ a denotação de uma entidade, que, de outra forma, não ostentaria limites espaciais definidos.

A semelhança entre os domínios nominal e verbal no que diz respeito às propriedades da divisibilidade e da cumulatividade está na origem de várias hipóteses de explicação para os mecanismos de denotação que se podem observar no seu interior, nomeadamente as propostas mereológicas de Bach (1986) e de Krifka (1992; 1998). Em ambos os casos, os autores assumem que tanto o domínio nominal, o dos objectos, como o domínio verbal, o das

eventualidades, são constituídos por entidades contáveis e entidades massivas.

A extensão da distinção massivo/contável também ao domínio adjectival foi proposta por autores como Bunt (1985). Contudo, e tal como Kleiber (1994), consideramos que a oposição em apreço não se pode basear nas propriedades da divisibilidade e da cumulatividade, tal como se defende para os domínios nominal e verbal, na medida em que as propriedades relevantes não podem ser aplicadas estritamente aos adjectivos, mas às expressões formadas pelo adjectivo e pelo nome que este modifica. Por outro lado, apresentaremos, ao longo deste trabalho, apenas adjectivos em contexto predicativo, na medida em que, quando ocorrem em posição atributiva, em combinação com expressões nominais, é o núcleo nominal que determina, em última instância, a natureza contável ou massiva de toda a expressão, não tendo o adjectivo qualquer interferência (para uma argumentação mais aprofundada, consultar Kleiber, 1994). Como veremos mais adiante, a noção de “delimitação”, aplicável também aos domínios nominal e verbal, será crucial no que respeita à caracterização dos adjectivos enquanto entidades massivas ou contáveis.

2. A proposta de Rothstein (1999)

Em Rothstein (1999), é apresentada uma proposta alternativa em relação ao tratamento semântico dos domínios adjectival e verbal, à sua natureza e às propriedades que os caracterizam.

Para começar, o domínio adjectival, tal como o verbal, é concebido como um domínio que compreende um conjunto de eventualidades. Para além disso, a oposição massivo/contável está intimamente relacionada com a oposição predicado adjectival/predicado verbal. Assim, a autora postula a existência, na estrutura argumental dos verbos, de um argumento evento de tipo davidsoniano, cujo domínio é constituído por situações de natureza contável, sejam elas de tipo estativo ou eventivo. Desta forma, todas as eventualidades projectadas por predicados verbais pertenceriam ao domínio contável, quer se trate de estados, quer de eventos de qualquer tipo. Por seu lado, os adjectivos teriam, na sua estrutura argumental, um argumento de tipo estativo, cujo domínio seria o dos estados massivos. Desta forma, todas as eventualidades projectadas por predicados adjectivais seriam não contáveis.

À semelhança do que tem sido proposto para a oposição massivo/contável no domínio nominal, a autora apresenta quatro testes para a verificação da distinção massivo/contável no domínio das eventualidades.

O primeiro teste tem a ver com a possibilidade de contagem. Tal como os nomes contáveis (mas não os massivos) podem ocorrer com quantificadores numerais, também todos os predicados verbais, mesmo os estativos, admitem a combinação com adverbiais de contagem, do género de “N vezes”. Por seu lado, os predicados adjectivais não podem ser modificados por adverbiais deste tipo.

O segundo teste prende-se com a questão da localização temporal. Assim, as eventualidades de tipo verbal podem ser localizadas temporalmente, enquanto os estados de origem adjectival não se revelam capazes, por si só, de receber qualquer tipo de localização temporal.

O terceiro teste prende-se com a viabilização de estruturas envolvendo modificação adverbial através de expressões que quantificam sobre eventualidades, do género de “sempre/todas as vezes que”, enquanto o quarto teste se relaciona com a possibilidade de o quantificador universal “each” poder ocorrer em posição de flutuação, afectando o sujeito, com predicados verbais, mas não com predicados adjectivais.

Segundo Rothstein (1999), os primeiros dois testes mostram que o domínio verbal é contável, na medida em que as entidades que o constituem exibem uma propriedade que as individualiza: a possibilidade de localização temporal. O terceiro teste mostra que existem funções cujo domínio se restringe a entidades de natureza contável. Finalmente, o quarto teste mostra que apenas eventualidades contáveis podem ser explicitamente distribuídas por indivíduos.

Para além desta distinção entre eventualidades contáveis (verbais) e eventualidades não contáveis (adjectivais), a autora propõe ainda que o verbo “be”, quando acompanhado de um Sintagma Adjectival (SADJ), denota uma função do domínio das entidades massivas para o das situações contáveis, funcionando como uma forma de “empacotar” um estado massivo não atómico numa eventualidade contável de cariz atómico. “Be”, sendo um verbo, projecta, na sua estrutura argumental, um argumento evento. Contudo, e ao contrário dos restantes verbos, ele não expressa qualquer propriedade desse argumento e, quando combinado com um SADJ, é criado um verbo complexo em que “be” introduz o argumento evento e o adjectivo introduz a propriedade que caracteriza essa eventualidade. Dito de outra forma, o adjectivo denota uma propriedade; o complexo formado por “be” e o SADJ denota o conjunto de eventualidades temporalmente delimitadas que instanciam a propriedade de “be ADJ”, ou seja, “be + ADJ” liga um estado massivo a uma eventualidade localizada que veicula as propriedades que este estado denota.

3. Alguns problemas manifestados pela análise de Rothstein (1999)

Se atentarmos nos dados respeitantes ao PE, constataremos que muitos aspectos da proposta de Rothstein (1999; 2004) que acabámos de apresentar enfrentam problemas de difícil resolução e que, em certa medida, terão de ser reformulados ou mesmo abandonados.

Em primeiro lugar, não é difícil encontrar construções que, embora remetendo inequivocamente para o domínio verbal, não podem, de forma alguma, ser integradas no conjunto das entidades de natureza contável, contrariamente ao que Rothstein defende. Na verdade, os estados de indivíduo não faseáveis (cf. Cunha, 2004) apresentam um comportamento que, de

acordo com os testes que a própria autora propõe, os integra, sem margem para dúvidas, no domínio massivo. Assim, é perfeitamente possível observar configurações integrando formas verbais que (i) não podem ser modificadas por adverbiais de contagem, como “N vezes” (cf. (2)-(3)); (ii) não se combinam com expressões que, de alguma forma, estabeleçam qualquer tipo de localização temporal (cf. (4)-(5)) e (iii) não podem comparecer no escopo de expressões que quantificam sobre eventualidades, do género de “sempre que” (cf. (6)-(7)).³

- (2) * A Maria foi alta três vezes.
- (3) * A minha mesa foi redonda três vezes.
- (4) * A Maria foi alta na semana passada.
- (5) * A minha mesa foi redonda ontem.
- (6) * Sempre que a Maria é alta, joga basquetebol.
- (7) * Sempre que a minha mesa é redonda, eu levo-a para a varanda.

Mesmo as situações que integram a classe aspectual dos processos parecem necessitar de um qualquer “enquadramento” em termos temporais ou espaciais para se poderem combinar, sem problemas, com adverbiais de contagem, o que, em última instância, nos faz supor que este tipo de eventos manifesta, ainda que apenas parcialmente, algumas das propriedades que caracterizam o domínio massivo (compare-se a anomalia semântica em (8) e (10) com a perfeita aceitabilidade de (9) e (11)).

- (8) A Rita nadou três vezes.
- (9) A Rita nadou três vezes na semana passada.
- (10) ? O Jorge dormiu três vezes.
- (11) O Jorge dormiu três vezes no Hotel Ibis.

Os exemplos que apresentámos até ao momento parecem comprovar que é perfeitamente possível encontrar, no conjunto das configurações construídas a partir de núcleos verbais, não só situações de cariz contável mas também eventualidades de natureza massiva. Uma tal observação põe claramente em causa a proposta de Rothstein, segundo a qual toda e qualquer predicação envolvendo uma forma verbal deveria pertencer ao domínio contável. Como tivemos oportunidade de constatar, pelo menos os estados de indivíduo não faseáveis comportam-se inequivocamente como entidades massivas.

Um problema semelhante pode ser observado quando consideramos o caso dos adjetivos. Na verdade, Rothstein assume que todos os Sintagmas Adjectivais (SADJ's) pertencem ao domínio massivo. No entanto, como procuraremos demonstrar em seguida, uma tal tomada de posição é demasia-

³ Dado que não pode ser directamente aplicado ao Português Europeu, ignoraremos aqui o quarto teste proposto por Rothstein, a saber, o que se refere à compatibilidade com quantificadores distributivos flutuantes do género de “each” (cada).

do forte, na medida em que a distinção massivo/contável também parece estender-se à classe dos adjectivos.

Considerem-se os seguintes exemplos, envolvendo SADJ's sem a presença de qualquer verbo copulativo na posição de complemento do verbo matriz *ver*:

(12) O João viu a Maria grávida duas vezes.

(13) A Rita viu o Pedro bêbedo duas vezes.

À primeira vista, frases como estas parecem ambíguas: numa das suas leituras, existe um único estado correspondente à gravidez da Maria ou à bebedeira do Pedro que é visto duas vezes pelo João e pela Rita, respectivamente. Ou seja, neste tipo de interpretação, o quantificador aplica-se somente ao evento representado na oração matriz, postulando-se a existência de duas situações de *ver* relativamente a um único e mesmo estativo. Porém, numa segunda interpretação, que nos parece, de resto, ser a mais natural, o quantificador aplica-se directamente à predicação veiculada pelo SADJ: neste caso, estarão obrigatoriamente em causa duas eventualidades diferentes em que a Maria se encontra grávida ou duas situações diferentes em que o Pedro se encontra bêbedo. Tendo em vista que nenhum verbo copulativo se acha representado neste tipo de estruturas, teremos forçosamente de reconhecer que são os adjectivos que, em última instância, vão ser os responsáveis pelo licenciamento das expressões de contagem e que, consequentemente, deverão ser considerados como denotando entidades contáveis de pleno direito.

O contraste entre a anomalia semântica revelada por uma frase como (14) e a plena aceitabilidade de uma configuração como (15) parece confirmar a nossa hipótese de que os SADJ's influenciam decisivamente a (im)possibilidade de contagem das predicções em que tomam parte:

(14) O professor pôs os alunos competentes na leitura (* três vezes).

(15) O professor pôs os alunos nervosos (três vezes).⁴

Se, neste tipo de contextos, o adverbial de contagem apenas tivesse escopo sobre o constituinte de natureza verbal, tal como previsto por Rothstein (1999), um exemplo como (14) deveria ser perfeitamente aceitável, na medida em que daria conta da ocorrência de três eventos de *pôr* relacionados com um mesmo estado ("os alunos serem competentes na leitura"). Dado que os eventos veiculados pela forma verbal *pôr* são, por natureza, contáveis, nada explicaria a má formação desta frase, a não ser a possibilidade de associar directamente o adverbial de contagem à forma adjectival que, per-

⁴ Sublinhe-se que, no presente trabalho, estamos a considerar apenas SADJ's em posição predicativa; não analisaremos aqui adjectivos com função atributiva. Para uma discussão da distinção massivo/contável no contexto de adjectivos em posição atributiva, veja-se Kleiber (1994).

tencendo ao domínio massivo, remete directamente para um estado de indivíduo não faseável. Em contrapartida, o carácter contável do adjectivo “nervoso” em (15) licenciaria, por seu lado, a presença do adverbial de contagem na frase em questão.

Assim, se, em estruturas como estas, assumirmos que os adverbais de contagem se aplicam, de preferência, directamente aos SADJ’s e não às formas verbais da oração matriz, teremos uma explicação plausível para o contraste entre (14) e (15). No caso de frases como (15), os adjectivos pertencem ao domínio contável, admitindo, sem problemas, a presença dos quantificadores; já em estruturas como as representadas em (14), o adjectivo pertence ao domínio massivo e, nessa medida, não pode co-ocorrer com expressões de contagem, independentemente do verbo matriz que o selecciona.

A possibilidade de modificação por adverbais de localização temporal que alguns Sintagmas Adjectivais parecem admitir sem problemas, tal como ilustrado em (16)-(17), constitui-se como mais um argumento em favor da hipótese de que também as formas adjectivais podem integrar estruturas de contagem:

- (16) A vitória do FC Porto deixou os adeptos contentes no sábado e irritados na quarta.
 (17) O canto dos pássaros pôs a Maria tranquila de manhã e cansada à tarde.

Embora seja particularmente difícil separar, em exemplos como estes, a componente verbal da adjectival, parece-nos plausível sustentar que, em circunstâncias adequadas, os modificadores temporais se aplicam, de facto, directamente às propriedades veiculadas pelos SADJ’s. Imagine-se, por exemplo, o seguinte cenário: o FC Porto ganhou um jogo no sábado contra o Nacional, marcando apenas um único golo. Os adeptos ficaram contentes devido à vitória. No entanto, na quarta-feira, um clube rival, o Braga, ganha o seu jogo contra o Guimarães por uma larga margem de golos, conseguindo assim alcançar a liderança do grupo de apuramento. A vitória do FC Porto é, agora, encarada como um mau resultado.

Neste contexto, embora nenhuma forma verbal capaz de introduzir directamente os SADJ’s, do género de *ser* ou de *estar*, se encontre representada, parece não haver dúvidas de que existem dois intervalos de tempo diferentes associados, cada um ao seu SADJ (no caso em apreço, o localizador temporal *no sábado* liga-se ao SADJ cujo núcleo é a forma *contentes*, ao passo que *na quarta* localiza o SADJ encabeçado por *irritados*).

Se estas observações estão correctas, então teremos mais um argumento em favor da ideia de que alguns adjectivos, mesmo na ausência de formas verbais, integram predicções de natureza contável.

Finalmente, Rothstein defende que a única função do verbo “be” (*ser/estar*) será a de realizar uma operação de “empacotamento” que serviria para converter SADJ’s de cariz massivo em predicados verbais de natureza contável. Uma tal estratégia de análise toma como ponto de partida o princípio de que “while an AP has its denotation in the non-atomic, mass

domain, be + AP has its denotation in the atomic, count domain.” (Rothstein, 1999: 373). A autora sublinha ainda que “be itself is not assigned to a particular lexical aspectual class, and that the result of applying be to an AP is not determined with respect to aspectual class” (idem: 403).⁵

Mais uma vez, este tipo de análise enfrenta problemas de grande relevância. Em primeiro lugar, se assumíssemos, tal como Rothstein, que a principal função dos verbos copulativos é a de proceder ao “empacotamento” de formas adjectivais massivas em predicacões contáveis de natureza verbal, todas as estruturas envolvendo *ser/estar* + SADJ teriam de ser obrigatoriamente contáveis. No entanto, como tivemos oportunidade de constatar, não é isso que se observa quando atentamos nos dados: exemplos como os de (2)-(7) revelam claramente que *ser* pode participar, sem quaisquer dificuldades, em configurações não delimitadas de cariz massivo.

Em segundo lugar, a sistematicidade em termos de comportamento linguístico relacionada com a oposição entre *ser* e *estar* no PE coloca sérias reservas à hipótese de que estes verbos não veiculam qualquer tipo de informação de carácter aspectual. Na realidade, contrastes como os que podemos observar entre (18) e (19) ou entre (20) e (21) revelam que os factores de índole aspectual desempenham um papel fundamental neste género de construções.

- (18) A Maria é alegre.
- (19) A Maria está alegre.
- (20) O João é gordo.
- (21) O João está gordo.

O caso torna-se ainda mais complexo se tivermos em conta que se verificam importantes restrições no que toca à selecção de *ser* ou de *estar* com certos adjectivos. Com efeito, enquanto alguns SADJ's se combinam livremente com ambos os verbos (cf. (18)-(21)), outros existem que se restringem à co-ocorrência ou com *ser* ou com *estar* (cf. (22)-(25)):

- (22) * A Maria é grávida.
- (23) A Maria está grávida.
- (24) A mesa é redonda.
- (25) * A mesa está redonda.

Independentemente do tratamento que possa vir a ser adoptado para as diferenças ilustradas nos exemplos que acabámos de apresentar, é importante referir que, ao contrário do que Rothstein advoga, *ser* e *estar*, os correspon-

⁵ Schmitt (2005) faz observações até certo ponto semelhantes a estas no que respeita ao tratamento do verbo *ser*, considerando-o como um mero “verbalizador”, i.e., a sua única função seria a de transformar estruturas linguísticas como os SADJ's em predicacões cujo núcleo é uma forma verbal. Não nos será possível discutir aqui o trabalho desta autora, mas muitos dos nossos comentários às propostas de Rothstein podem facilmente ser-lhe aplicados.

dentos, no Português Europeu, ao verbo “to be” do Inglês, desempenham inegavelmente um papel bem mais complexo do que simplesmente o de “empacotar” adjectivos massivos em predicacões verbais contáveis.

4. A distinção massivo/contável no domínio adjectival: alguns dados do PE

À luz da argumentação apresentada em 3., a hipótese que iremos desenvolver nesta secção será a de que também no domínio adjectival é relevante a distinção entre termos massivos e termos contáveis, pelo menos em contextos predicativos. Na verdade, verifica-se a existência de casos de adjectivos em posição predicativa que, independentemente de ocorrerem com *ser* ou com *estar*, manifestam um comportamento regular e sistemático quando combinados com adverbias de contagem. Desta forma, adjectivos “massivos” são sempre incompatíveis com adverbias de contagem, quer co-ocorram com *ser*, quer com *estar*, enquanto adjectivos “contáveis” são sempre compatíveis com adverbias de contagem nas mesmas condições.

Acrescente-se ainda que, como veremos mais à frente, há casos de adjectivos que aparentam ser termos não especificados no que diz respeito à distinção massivo/contável. Nestes casos, a ocorrência de *ser* ou de *estar* é relevante, visto que, em grande medida, vai determinar a (im)possibilidade de comparência dos adverbias de contagem.

Assumimos, com Mateus *et al.* (1989) e com Cunha (2004), que *ser* se constitui como suporte de predicados de indivíduo, ao passo que *estar* se associa a predicados de estádio; como veremos, no entanto, não se irá verificar uma correspondência directa entre esta distinção e a oposição massivo/contável no interior do domínio adjectival, pelo que se nos afigura justificável uma separação clara entre estes dois tipos de classificação.

4.1. Adjectivos “contáveis”

Existem adjectivos que, tipicamente, podem ser considerados sempre como predicados contáveis, na medida em que se combinam com adverbias de contagem, independentemente do verbo copulativo com que comparecem. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (26) a. O João foi feliz três vezes (ao longo da sua vida).
 b. O João esteve feliz três vezes (na semana passada).
 (27) a. A Maria foi gorda três vezes (durante a sua vida).
 b. A Maria esteve gorda três vezes (durante o ano passado).

Tanto em (26) como em (27), as predicacões com os adjectivos “feliz” e “gorda” podem combinar-se sem problemas com o adverbial de contagem “três vezes”, tanto nos casos em que comparece *ser* como nos casos em que surge *estar*, o que mostra que, à partida, a possibilidade de contagem não depende do verbo, mas do adjectivo.

A aplicação do teste de compatibilidade com localizadores temporais reforça esta conclusão. Na realidade, tanto na construção com *ser* como na construção com *estar*, em (28) e (29), respectivamente, os advérbios temporais comparecem sem problemas, fornecendo uma dada localização para as situações descritas.

- (28) a. O João foi feliz em 1984.
 b. O João esteve feliz na semana passada.
 (29) a. A Maria foi gorda (apenas) em 1984.
 b. A Maria esteve gorda (apenas) no Verão.

4.2. Adjectivos “massivos”

Ao contrário do que observámos nos exemplos anteriores, alguns adjectivos nunca se combinam com advérbios de contagem, independentemente do verbo copulativo com que ocorrem. Vejam-se os exemplos em (30) e (31).

- (30) a. * A Maria foi velha três vezes (cf. *A Maria é velha*).
 b. * A Maria esteve velha três vezes (cf. *A Maria está velha*).
 (31) a. * O chocolate foi delicioso três vezes (cf. *O chocolate é delicioso*).
 b. * O chocolate esteve delicioso três vezes (cf. *O chocolate está delicioso*).

Em ambos os casos, a impossibilidade da ocorrência do advérbio “três vezes” indicia que “velho” e “delicioso” pertencem, não ao domínio dos termos contáveis, mas antes ao dos massivos, tanto quando ocorrem com *ser* como com *estar*.

Para além disso, estes adjectivos revelam também uma certa incompatibilidade quanto à combinação com advérbios de localização temporal, como se constata em (32) e (33), o que reforça a ideia de que “velho” e “delicioso” são, de facto, termos massivos.

- (32) a. * A Maria foi velha em 1984.
 b. * A Maria esteve velha no Verão passado.
 (33) a. * O chocolate foi delicioso na semana passada.
 b. * O chocolate esteve delicioso na semana passada.⁶

⁶ Note-se que este exemplo se torna aceitável quando o nominal em posição de sujeito recebe uma interpretação que remete para a existência de múltiplas ocorrências espaço-temporalmente distintas do mesmo tipo, o que acaba por não ser relevante para a nossa discussão, na medida em que estamos a considerar a atribuição “directa” de propriedades a um dado indivíduo. Considere-se, por exemplo, o contexto de um bar que serve chocolate quente: as ocorrências de chocolate quente da semana anterior podem ter propriedades diferentes das ocorrências da semana seguinte, até porque se constituem necessariamente como indivíduos distintos entre si.

4.3. Adjectivos não determinados quanto à distinção massivo/contável

Finalmente, pode ser identificado um terceiro grupo de adjectivos que não revelam, *a priori*, uma natureza marcadamente massiva ou contável, desempenhando a distinção entre *ser* e *estar* um papel preponderante quanto à atribuição do estatuto massivo ou contável ao todo da predicação. Considerem-se os exemplos (34) e (35):

- (34) a. * O João foi doente três vezes (cf. *O João é doente*).
 b. O João esteve doente três vezes.
 (35) a. * O sol foi vermelho três vezes (cf. *O sol é vermelho*).
 b. O sol esteve vermelho três vezes.

Nestes casos, e ao contrário do que verificámos para os exemplos anteriores, os adjectivos “doente” e “vermelho” só ocorrem com adverbiais de contagem se o verbo copulativo for *estar*; na presença de *ser*, gera-se agramaticalidade.

A combinação com adverbiais de localização fornece o mesmo tipo de resultados. Assim, só com *estar* é possível a ocorrência de localizadores temporais, do género de “em 1984”, “na semana passada”, “no mês de Agosto” e “ao fim da tarde”, enquanto com *ser* este tipo de modificação não é de todo possível.

- (36) a. * O João foi doente em 1984.
 b. O João esteve doente na semana passada.
 (37) a. * O sol foi vermelho no mês de Agosto.
 b. O sol esteve vermelho ao fim da tarde/no mês de Agosto.

A presente assimetria não se deve, obviamente, à informação veiculada pelo adjectivo, na medida em que este surge tanto em contextos em que admite contagem como em configurações em que ela não parece possível. Propomos, portanto, que o tipo de adjectivos em análise não deve ser especificado quanto ao traço massivo/contável.

Colocaremos a hipótese de que, em casos como estes, o comportamento observado se deve essencialmente à distinção entre *ser* e *estar*. Na verdade, *ser*, enquanto suporte de predicados de indivíduo, terá maiores dificuldades em comparecer em estruturas de contagem, ao passo que *estar*, sendo propiciador de predicados de estádio, se compatibilizará melhor com este tipo de estruturas. Ou seja, graças à informação veiculada pelos verbos copulativos, podemos dizer que, quando o adjectivo é “neutro” quanto à distinção massivo/contável, *ser* favorece a integração da predicação no domínio massivo, enquanto *estar* a integra no domínio contável. Sublinhe-se que a distinção massivo/contável que temos vindo a explorar não pode ser confundida com a oposição predicado de indivíduo/predicado de estádio. Na realidade, existem adjectivos que são apenas compatíveis com predicados de indivíduo, o que

se reflecte na selecção exclusiva do verbo *ser*, como ilustrado nos exemplos seguintes:

- (38) a. O João é católico.
 b. * O João está católico.
 (39) a. Este papel é biodegradável.
 b. * Este papel está biodegradável.

Por outro lado, existem adjectivos que são apenas compatíveis com predicados de estádio, sendo a selecção exclusiva do verbo *estar* um reflexo dessa característica, como se pode observar a seguir:

- (40) a. A Maria está grávida.
 b. * A Maria é grávida.

Como vimos, pelos exemplos discutidos anteriormente, há, em PE, adjectivos que se comportam como termos massivos, outros que ostentam as propriedades dos termos contáveis e outros ainda que parecem não ser portadores de informação respeitante à distinção massivo/contável.

adjectivos	Combinação com “ser” + adverbial de conta- gem/localização temporal	Combinação com “estar” + adverbial de conta- gem/localização temporal
contáveis	Ser feliz três vezes/na semana passada	Estar feliz três vezes/na semana passada
massivos	* Ser velho três vezes/na sema- na passada	* Estar velho três vezes/na semana passada
indeterminados	* Ser doente três vezes/na semana passada	Estar doente três vezes/na semana passada

Quadro I – Classificação dos adjectivos quanto à distinção massivo/contável

5. Conclusões

Tendo em conta a análise que desenvolvemos com base nos dados do PE, parece-nos lícito concluir que, ao contrário do que é defendido em Rothstein (1999), a distinção massivo/contável é relevante, não só no domínio nominal, mas também nos domínios verbal e adjectival.

Afigura-se-nos ainda que o critério essencial para a diferenciação entre entidades massivas e contáveis – na medida em que parece aplicar-se a todos os domínios – é o da delimitação/não delimitação, que pode ser avaliado através da (im)possibilidade de contagem e de localização espacial e/ou temporal.

No caso específico do domínio adjectival, consideramos que deve ser feita uma divisão tripartida entre adjectivos massivos, adjectivos contáveis e adjectivos que não são especificados quanto a este parâmetro.

Finalmente, defendemos que, embora possam ter uma influência decisiva na determinação do carácter massivo ou contável da predicação, os verbos *ser* e *estar* estão longe de ser determinantes em termos absolutos. Na verdade, em muitos casos, a informação relevante veiculada pelos adjectivos sobrepõe-se à destes verbos que, no entanto, parecem manter a capacidade de veicular a distinção entre predicados de indivíduo e de predicados de estádio.

Referências

- Bach, E. (1986). The Algebra of Events. *Linguistics and Philosophy* 9, pp. 5-16.
- Bunt, H. (1985). *Mass Terms and Model-Theoretic Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunha, Luís Filipe (2004). *Semântica das Predicações Estativas: para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. Dissertação de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Publicado (2007). Munique: Lincom GmbH.
- Kleiber, Georges (1994). L'opposition *Massif-Contable* et les adjectifs. In *Nominales. Essais de Sémantique Référentielle*. Paris: Armand Colin Éditeur, pp. 29-47.
- Krifka, Manfred (1992). Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Constitution. In I. Sag & A. Szabolcsi (eds.) *Lexical Matters*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, Leland Stanford Junior University, pp. 29-54.
- Krifka, Manfred (1998). The Origins of Telicity. In Susan Rothstein (ed.) *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 197-235.
- Link, G. (1983). The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice-theoretical approach. In R. Bäuerle, C. Schwarze e A. von Stechow (eds.) *Meaning, use and interpretation of language*. Berlin: Walter de Gruyter, pp. 302-323.
- Mateus, Maria Helena M. et al. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2.^a ed.
- Rothstein, Susan (1999). Fine-Grained Structure in the Eventuality Domain: the Semantics of Predicative Adjective Phrases and Be. *Natural Language Semantics* 7 (4), pp. 347-420.
- Rothstein, Susan (2004). *Structuring Events: a Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd.
- Schmitt, Cristina (2005). Semi-copulas. In Paula Kempchinsky & Roumyana Slabakova (eds.) *Aspectual Inquiries. Studies in Natural Language and Linguistic Theory*, Vol. 62. Dordrecht: Springer, pp. 121-146.